



Musa XII, 2012, 60 x 47 cm
© t.nölle

THOMAS NÖLLE

Soest (Alemanha), 1948. Inicia as suas atividades artísticas em meados da década de 1970. O marcado acento social, a sensibilidade para captar e tratar questões relacionadas com a complexa relação entre o ser humano e a natureza, assim como a visão crítica sobre questões político-económicas, culturais e ambientais são temas patentes desde suas primeiras obras fotográficas e tridimensionais, e que continuam presentes ao longo de praticamente toda sua produção.

Entre 1979 e 1981, empreende uma longa viagem por diversos países da América Latina, especialmente pelo Brasil. Em 1981, regressa à Alemanha. A sua obra é exibida em várias mostras individuais e coletivas em museus, galerias e instituições, entre os quais se podem destacar: Instituto de História da Arte, Bonn; Kunstverein, Bonn; Palácio das Artes, Düsseldorf; Museu de Arte, Mülheim; Orangerie Schloss Augustusburg, Brühl. Em 1988, instala-se em Barcelona.

A partir de 1993, começa uma nova linha de trabalho em diferentes formatos — caixas de objetos e de luz, assemblages, instalações, fotografias —, cujas obras são exibidas na Alemanha, no Brasil e em Espanha em várias exposições, como no Museu de Arte de Sabadell, Espanha; Centro Multimedia do Centro Nacional das Artes, México D.F.; *Observatório* - III Festival Internacional de Valencia, Espanha; Museu de Arte Contemporânea de Ibiza, Espanha.

Em 2006, realiza as mostras individuais *Entre as imagens*, no V Festival Internacional da Imagem de Manizales, Colômbia, e *Silêncio vicioso*, no Centro Cultural de Espanha, México D.F. Nesse mesmo ano, expõe a instalação audiovisual *Hall of Fame* (cv8.org) no *Canariasmediafest* - XII Festival Internacional de Artes e Culturas Digitais de Gran Canárias. Em 2008, participa na exposição *O discreto encanto da tecnologia. Artes em Espanha*, no MEIAC (Badajós), no ZKM Center for Art and Media Karlsruhe (Alemanha) e na Neue Galerie Graz (Áustria). Em 2008-2009, realiza uma grande exposição individual no Museu Extremenho e Ibero-americano de Arte Contemporânea, MEIAC, de Badajós, sob o título *Tempos dourados*. Realiza a exposição individual de fotografia e videoarte *Way of Light* na Factoría Santiago de Compostela, Espanha (2010). Desde 2010 tem atelier em Évora e passa temporadas em Portugal.



Centro Cultural de Belém, Loja 3, 1449-003 Lisboa
Tel.: 213 617 100 Fax: 213 617 101
ap@arteperiferica.pt www.arteperiferica.pt
Todos os dias das 10h às 20h

Capa: *Musa XI*, 2012, 60 x 47 cm



arteperiférica
GALERIA

THOMAS
NÖLLE

*Musa
x paradisiaca*

22 de fevereiro a 20 de março de 2014

***Musa x paradisiaca* de Thomas Nölle – Elogio à resistência**

Jorge Luis Borges começa a sua *História da eternidade* indagando se a eternidade não seria “um artifício esplêndido que nos livra, mesmo que de maneira fugaz, da intolerável opressão da sucessividade?”¹ Logo a seguir, Borges confirma a sua intuição: “O tempo é um problema para nós, um terrível e exigente problema, talvez o mais vital da metafísica; a eternidade, um jogo ou uma fatigada esperança.”² Analisando as complexas hipóteses de Platão até Nietzsche, Borges conclui que o modo menos pavoroso e melodramático, e o único imaginável de interpretar as eternas repetições é a concepção de ciclos semelhantes, não idênticos.

Na série *Musa* de Thomas Nölle produz-se o entrecruzamento de dois ciclos: o da espiral da vida e o do tempo circular das histórias. O foco central da obra é constituído pela planta da bananeira — esta espécie herbácea denominada por Carl Linnaeus de *Musa* (do gênero *Musaceae*), cuja etimologia remete também à raiz grega *mousa* —, que se transforma em fonte de associações estéticas, formais e conceituais. A capacidade regeneradora da bananeira celebra tal retorno, sempre diferente, mencionado por Borges.

Através das suas fotografias, Nölle acompanha cada etapa do processo vital da planta, fazendo ressaltar as suas qualidades estéticas, tanto orgânicas e sensuais, como insólitas e fantasmagóricas. A simetria estética de algumas das fotografias tem a virtude de acentuar o vigor e a composição; em outras, o foco desvela as entranhas, o corpo carnoso, os fluidos, a pele. Na exaltação da força natural, aviva uma certa sensação de profanação de mistérios: o registo do irrepetível. Mesmo no processo de decomposição da matéria orgânica, Nölle consegue extrair a intensidade das cores e das formas, escultóricas umas, surpreendentemente antropomórficas e caleidoscópicas outras. Na miríade de possíveis associações que evoca, assenta o caráter mágico da série.

A capacidade do artista para captar momentos específicos, únicos, e a sua especial sensibilidade para fazer ressaltar as particularidades do material observado permitem-lhe ultrapassar o plano trivial da reprodução técnica, para explorar qualidades pictóricas das superfícies, conformações plásticas, jogos de luz e sombras, texturas e cores. Prescinde, assim, da típica noção de memória fotográfica — que peca pelo enfoque centrado na antropologia visual —, para criar uma memória estética, poética, de grafia pessoal.

A obra é um ajuste de contas com a possibilidade real do renascimento: a recriação física; o retorno ao ser; a superação dos limites. Confluem na série o meio orgânico, o espaço vital, o tempo cíclico e a condição civil e política: *Musa* é um elogio à resistência.

Claudia Giannetti

¹ Jorge Luis Borges (1936), *História da eternidade*. São Paulo: Ed. Globo, 1999, p. 5.

² *Ibid*, p. 6.

Musa X, 2012, 59 x 59 cm
© t.nölle

